

«Acredito no desenvolvimento a médio prazo da África Austral»

— empresário Américo de Amorim em entrevista a «O Século de Joanesburgo»



AMÉRICO AMORIM

Durante pouco mais de 48 horas, em Maputo, o empresário português Américo Amorim e os seus acompanhantes, dirigentes de algumas das principais empresas do Grupo Amorim, desenvolveram uma actividade febril e conseguiram resultados que, normalmente, ocupariam semanas. Ler o programa da visita era, só por si, de causar vertigens.

O Governo moçambicano dispensou-lhes um acolhimento mais que caloroso. A expressão própria seria fraternal. Em Américo Amorim reconheceram o homem de acção e de realização. Em termos humanos, vieram à tona laços seculares e uma afinidade única que sobreviveu a grandes tragédias e aos traumatismos que deixam marcas na carne e no espírito.

Um dos maiores vínculos que ligam portugueses e moçambicanos é a língua comum que, em Moçambique, é o idioma oficial e nacional falado com orgulho. Foi nessa língua que falaram e se entenderam. Há uma promessa mútua de voltarem a encontrar-se em breve.

Sem dúvida, que com esta visita se iniciou algo que provará muito importante para Moçambique, como para Portugal.

Em missão de serviço em Maputo, encontrava-se o director de O Século, Silva Ramalho. Num dos raros e curtos intervalos do programa, Américo Amorim concedeu-lhe a entrevista que a seguir transcrevemos.

DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL

S.R. — Além de participar nas comemorações da passagem do 10.º aniversário da MABOR-Moçambique, com certeza que houve outras razões que o levaram a visitar Maputo à frente de uma comitiva de tão alto nível.

A.A. — Primeiro é importante assinalar que a MABOR me convidou a participar no 10.º aniversário, convite que aceitei com muito prazer. Trata-se de uma empresa moderna, bem gerida e muito organizada. Por isso, felicito a direcção e todo o pessoal por esse facto.

A par disso, naturalmente, estando em Moçambique, e como acredito no desenvolvimento a médio-prazo da África Austral, tentei estabelecer contactos com vários membros do Governo e com o primeiro-ministro, tendentes a localizar áreas onde poderemos cooperar eventualmente e desenvolver novas actividades.

SR — Tem alguns planos já delineados?

AA — Temos várias opções de investimento. Neste momento, não gostaria de as pontualizar porque apenas as assinaei, como intenção, aos membros do Governo. Penso que é um pouco prematuro, sem ter oficializado as coisas — o que vou fazer dentro dos próximos trinta dias — estar a mencionar quais são essas áreas. Algumas poderão, por várias razões, não ter evolução positiva. Preferia, pois, que isso ficasse para um pouco mais tarde.

INVESTIMENTOS EM MOÇAMBIQUE

SR — A sua vinda aqui, nesta altura, assume particular importância porque, no trabalho que vim fazer a Maputo, verifiquei, numa visita ao Gabinete de Promoção do Investi-

mento Estrangeiro, que dos países que estão a investir em Moçambique, Portugal ocupa um dos últimos lugares. Virá a sua visita, aqui, alterar essa posição?

AA — Não sei ainda. A minha experiência de Moçambique é relativamente pequena. Acredito, como disse, que a evolução dos acordos dos países posicionados na África Austral poderá trazer à paz do mundo uma situação totalmente diferente.

Penso, portanto, que há uma justificação acrescida

TRIÂNGULO MABOR PORTUGAL/ANGOLA/MOÇAMBIQUE

SR — Em conversa com alguns membros da sua comitiva falou-se com grande entusiasmo num triângulo MABOR Portugal/Angola/Moçambique. Qual a sua visão sobre este esquema?

AA — Estive em Angola em Outubro e pontualizámos com o Governo daquele País um acordo, que ambas as partes estão a seguir e a cumprir, que permitiu, ao fim de seis meses des-

EM MAPUTO: AMÉRICO AMORIM ENTREVISTADO POR SILVA RAMALHO

para ponderar os investimentos em Moçambique.

De resto, o facto de também termos uma posição no Bank of Lisbon, que há um ano comprei, está na origem dessa mesma perspectiva que pretendemos alargar, incluindo nela Moçambique.

SR — Quanto à MABOR-Moçambique, e aos dez anos que acaba de completar, está satisfeito com os resultados obtidos?

AA — Nós somos minoritários nesta empresa mas vamos propor ao Governo moçambicano assumirmos a maioria do capital e esperamos chegar a um consenso nesse sentido. A MABOR aqui, por razões várias, trabalha a um terço das suas possibilidades. No entanto, tem toda a estrutura empresarial e industrial e, se chegarem a bom termo as negociações, conseguiremos o seu desenvolvimento não só para abastecimento do mercado de Moçambique como para exportar para os países vizinhos, o que hoje já fazemos mas em quantidades extremamente baixas.

se acordo, reactivarmos uma posição já significativa da MABOR-Angola. Esta começou a trabalhar na segunda quinzena de Março e tem uma posição crescente, um absentismo praticamente nulo. Estará com uma produção já razoável no fim do primeiro semestre deste ano e a tendência é para aumentar.

Daqui que havendo um certo bom sucesso nesta empresa em Angola pensamos que podemos inflectir a mesma perspectiva também a Moçambique.

SR — É, portanto, de concluir que, se tiverem fábricas em Angola e Moçambique, isso os colocará numa posição óptima para servirem todo o mercado da África Austral e, quiçá, muito para além desta Região. Será assim?

AA — Isso corresponde exactamente à minha ideia porque penso que a África Austral vai desenvolver-se e há-de ser uma área do mundo de grande dinâmica económica nos próximos anos. É dentro deste contexto, desta convicção, que eu penso que a MABOR-

Angola e, se possível, a de Moçambique podem ser um bom segmento dessa economia.

CONTACTOS COM MOÇAMBIQUE: ABERTURA

SR — Como decorreram os seus contactos com o Governo de Moçambique? Encontrou algumas dificuldades de relacionamento?

AA — Não tive nenhum problema. Falei com o primeiro-ministro e com vários membros do Governo. Tenho um encontro marcado com o presidente da República. Os contactos cumpriram-se normalmente num ambiente de total abertura, de simpatia por Portugal e pelos empresários portugueses.

Notou-se que Moçambique tem hoje problemas graves, problemas específicos, que serão certamente a seu tempo resolvidos.

Encontrei uma boa permeabilidade de todo o Governo de fazer contactos com empresários portugueses no sentido de dinamizar fortemente a economia do País.

SR — Que estado de espírito encontrou da parte dos governantes quanto à, até aqui, fraca participação de Portugal no desenvolvimento de Moçambique?

AA — Açam eles que devia haver mais dinamismo dos empresários portugueses. São de opinião que as nossas ligações históricas são muito fortes e dão grande importância a termos o mesmo idioma. Dai o sentirem-se surpreendidos com a passividade dos portugueses. Pensam que

poderiam ser mais activos na cooperação com as autoridades moçambicanas para o desenvolvimento económico do seu País.

MUITO REALIZADO EM POUCO TEMPO

SR — Esta sua visita pode, com propriedade,

chamar-se uma «visita-relâmpago». Como foi possível cobrir tanto terreno em tão pouco tempo?

AA — O tempo que se está num País não é importante. O que se faz nesse tempo é que pode ser não importante ou muito importante. Fiz os contac-

Comitiva do empresário Américo Amorim na visita a Moçambique

A comitiva que acompanhou o empresário Américo Amorim nesta deslocação a Moçambique era constituída pelo seu assessor financeiro, dr. Jorge Armindo, dr. Fontoura Moutinho, dr. Durval Marques, administrador-delegado do Bank of Lisbon, José Guimarães, eng. Vaz Branco, administrador-delegado da Mabor Portugal, dr. Cunha e Costa e o jornalista Avelino Fiel, do «Semanário Económico».

tos que pretendia fazer. Senti uma sensibilidade positiva para o prosseguimento e sequência dos contactos com as várias entidades que, há pouco disse, vou fazer.

Moçambique é um País com um clima magnífico. Tem, neste momento, as suas dificuldades mas as riquezas estão dentro dele, a sua posição estratégica é clara e evidente. O seu relacionamento com a África do Sul é fortemente crescente e positivo. Para mim, é extremamente significativo que assim seja. Penso que vai ser cada dia mais alargado. Isto representa uma clarificação tendencial da situação da África Austral e aqui estou por essa convicção e determinação que me orientam.

SAUDAÇÃO À COMUNIDADE PORTUGUESA

SR — Voltando a Angola. Não está preocupado com os últimos acontecimentos?

AA — Não estou porque penso que as situações actuais são acções pontuais. O mundo está hoje empenhado que sejam encontradas soluções políticas para um desanuviamento total e o fim de todas as guerras.

Por isso, não sinto minimamente afectada a minha acção em Angola que ainda é muito débil mas que penso intensificar.

SR — A terminar, tem algum ponto que queira focar?

AA — Querò, apenas, registar a minha simpatia e agradecimento pelo acolhimento que me foi dispensado pelas autoridades de Moçambique e a abertura e estado de espírito do primeiro-ministro. Quero, também, ter uma palavra de apreço para O Século pela missão que desempenha junto da Comunidade Portuguesa. Além disso, uma palavra de esperança para essa comunidade de um País fabuloso, dinâmico e organizado.

Na minha óptica, as grandes preocupações passaram e estão a abrir-se perspectivas bem diferentes.